

O TRABALHO DAS MULHERES CISTERNEIRAS COMO ALTERNATIVA PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO DO SERTÃO DO PAJEÚ, PERNAMBUCO: *Extensão rural e Resistência*

Giselle Gomes Souza¹
Irenilda Souza Lima²

Resumo

Buscamos analisar o trabalho de mulheres agricultoras familiares que, na diversidade de trabalho que executam, também constroem reservatórios de água denominadas cisternas. O trabalho das mulheres se constitui numa estratégia de resistência no âmbito das alternativas para o convívio com o semiárido, no apoio de políticas públicas de atendimento pela extensão rural para mulheres no Sertão do Pajeú, no município de Ingazeira – Pernambuco – Brasil. Na metodologia, indica-se que se trata de uma pesquisa qualitativa com uso de observação direta, entrevistas com roteiro semiestruturado e análise documental. No resultado inicial, verificou-se ser esta atividade uma possibilidade de renda para algumas mulheres sertanejas e traz subsídios para as reflexões sobre temas como divisão sexual do trabalho, participação das mulheres na sociedade e a crescente luta pela garantia de Direitos e transformação de vidas .

Palavras-chave: agricultura familiar; extensão rural; semiárido; mulher.

Introdução

Na história da humanidade e em sua relação com o trabalho há indicação de que, em ordem cronológica, vieram primeiro as atividades ligadas à caça e ao extrativismo

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX/UFRPE<giselle.zeli@gmail.com>.

2 Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco<irenilima2@gmail.com>.

vegetal, depois a descoberta do fogo e a fonte de sobrevivência foi a agricultura, segundo De Masi (2003), quando se refere à História da agricultura no mundo.

Em se tratando do trabalho das agricultoras, constatou-se que desde os primórdios da história da civilização há predominantemente a invisibilidade das mulheres tanto no trabalho como nos assuntos relacionados a poder e a economia. Fazendo uma ponte para os dias atuais, é possível observar o que Nobre (2003, p.2005) indica, que talvez se esteja no momento de quebrar esta invisibilidade das mulheres na economia e de um modo geral. Encontra-se em Mészáros (2002, p.51) a afirmação de que para a emancipação das mulheres há a exigência de uma ordem social qualitativamente diferente. Neste aspecto, são consideradas a atenção e a forma contemporânea como as mulheres estão ocupando espaços, antes destinados por determinação social para serem exercido por homens. A questão do empoderamento da mulher e a relação deste assunto com a divisão sexual do trabalho na Agricultura é um tema instigante, contemporâneo e emergente.

A partir deste enfoque, esta pesquisa particulariza a questão de gênero que está diretamente ligada às formas de resistências para a permanência no semiárido a partir da construção de reservatórios denominados cisternas. Funcionam como estratégia de captação e armazenamento de água, que é condição sine qua non para a convivência com o semiárido. São ainda recursos para a superação da estiagem por períodos prolongados, dificuldade de acesso à água e que estão diretamente associados às atividades produtivas que geram renda no processo de empoderamento das mulheres no contexto do território no Sertão do Pajeú. A atividade de cisterneira, que está relacionada a atividade da área de construção civil e da atividade denominada como sendo aquela em que os homens são os pedreiros. Surge para as agricultoras familiares, a partir da ação das atividades de assistência técnica e extensão rural, que fornecem apoio e capacitação para o exercício desta atividade como alternativa a crise material e com a possibilidade a melhoria da qualidade de vida, desenvolvimento local e diminuição do êxodo rural.

Dentro deste quadro, questiona-se de que forma as mulheres deslocadas do seu cotidiano de trabalho convencionado pelas práticas sociais predominantes contribuiriam

com um outro estilo de trabalho no desempenho de serem cisterneiras. E de que forma essa inserção repercute para os projetos produtivos utilizados pelos agricultores familiares no município de Ingazeira no Sertão do Pajeú em Pernambuco – Brasil.

O objetivo desta pesquisa é analisar a participação das mulheres na construção das cisternas, como tecnologia social de convivência no semiárido no Município de Ingazeira/PE. Os objetivos específicos: Analisar a forma de aquisição de conhecimento para a competência de construir as cisternas. Verificar o apoio para este trabalho feito pela extensão rural e também identificar a divisão sexual do trabalho neste contexto rural.

O resultado deste trabalho poderá evidenciar a construção social do trabalho na perspectiva de gênero, fazendo associações de categorias do trabalho que são típicos de homem ou de mulher. Tal ideia está relacionada a um contexto social, econômico e cultural predominantemente conservador e parte do pressuposto de que o trabalho da extensão rural com mulheres traz em sua repercussão o empoderamento das mulheres no convívio como o semiárido.

Neste cenário de contextualização, fica evidenciado que o semiárido brasileiro concentra o maior contingente de pessoas vivendo na linha de extrema pobreza. Conforme Evangelista (2012):

(...) um retrato dessa realidade aponta que 16.267.197 habitantes se encontram nessa condição. Desse total, 9.609.803 vivem no Nordeste brasileiro. No campo, a situação ainda é mais grave: a cada quatro pessoas vivendo em comunidades rurais, uma está na pobreza extrema, total que corresponde a 5.049.317 pessoas (EVANGELISTA, 2012. p.18).

O estudo se volta para a análise da divisão sexual do trabalho no contexto rural. Em uma dessas prerrogativas, Maria de Nazareth Wanderley se apropria do aporte de Bernard Kaiser, tendo em vista que:

O “rural” é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Seu estudo supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural. Lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar onde se vê e se vive o mundo (a cidadania das pessoas rurais e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade). (KAISER, 1990, p.13 apud WANDERLEY, 2000, p.88).

A partir da ideia de território, sentenciado por Santos (1998) como espaço vivido, é

enfocado o Semiárido brasileiro e, em particular, o espaço e o território que encontra-se no município de Ingazeira, com a população de 3525 mil habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao censo 2010, estando aproximadamente a 390 km do Recife, capital de Pernambuco. O município de Ingazeira, cenário da pesquisa, é uma cidade com características rurais, pela sua baixa densidade demográfica (BRASIL, 2010) e predomínio das relações interpessoais da população.

Nesse universo de condição climática e socioeconômica diferenciada, as comunidades rurais vivenciam longos períodos de estiagem e altas temperaturas, além de muita dificuldade de produzir e de viver no lugar. Neste aspecto, o cenário demanda o uso de tecnologias sociais direcionadas para minimizar os efeitos da seca, com forte escassez de água, como é o caso específico da tecnologia social em forma de cisternas, utilizadas em todo o Nordeste do Brasil no âmbito da agricultura familiar para a convivência com o semiárido, saindo da antiga ideia de combate à seca para a lógica da convivência com o semiárido. Esse tema é relevante para todas as pessoas que habitam na região, estudantes e pesquisadores da área e, neste aspecto, vamos focar as condições existenciais das mulheres sertanejas.

Durante muito tempo e, em alguns casos, nos dias atuais, as únicas políticas oficiais destinadas à região semiárida brasileira foram aquelas denominadas de “combate à seca”, o que, além de proporcionar lucro para muita gente, essas iniciativas eram marcadas pelo desvio de dinheiro, por obras fantasmas, perfuração de poços com recursos públicos em terras privadas de grandes latifundiários e outras irregularidades. Neste aspecto, vale lembrar o que diz Eli da Veiga (2000) ao referir-se a Face Rural do Desenvolvimento, em que as vantagens de uma estratégia de empoderamento das mulheres estaria relacionada à possibilidade de que elas venham a adquirir conhecimentos e uso ou de se apropriarem das tecnologias sociais para a convivência com o Semiárido.

Em função desse cenário, houve a necessidade de convivência com a escassez de chuvas e falta de água e de suas consequências no Sertão do Pajeú. Foram fortalecidas as parcerias com instituições, Estado e sociedade civil organizada em

função de encontrarem formas de resolver ou minimizar os problemas inerentes à falta de água por períodos muito longos. Nesta direção Jalil (2013) sinaliza que:

O Sertão do Pajeú é também o lugar das organizações dos trabalhadores rurais e do renascimento do movimento sindical. [...] Das lutas pela sobrevivência cotidiana e da convivência com o Semiárido, questionando a perspectiva política do combate à seca, que alimentou e ainda alimenta a indústria da seca no Brasil. (JALIL, 2013, p.14).

Um dos aspectos evidenciados no território do Sertão do Pajeú é o entendimento materialista que a divisão sexual do trabalho nos oferece, em que podemos perceber a ideologia patriarcal e os antagonismos das relações sociais do sexo. Conforme Cisne (2015), em outras palavras, a divisão sexual do trabalho é a relação material concreta que dá base à ideologia patriarcal. É bem verdade que De Masi (2003) diz que:

(...) independente de uma estrutura familiar baseada no patriarcado ou no matriarcado, as descobertas femininas foram consolidadas numa só economia junto a outras descobertas atribuídas aos homens. (DE MASI, 2003, p.89)

Ao evidenciar as tecnologias sociais na convivência com o semiárido, aponta-se o uso das cisternas como forma de coleta de água e viabilidade da unidade de produção inerente à agricultura familiar. Portanto, considera-se que a apropriação de construção de cisternas poderá ser um importante recurso para a promoção da agricultura familiar e do desenvolvimento local. Além da adequação de um tipo de agricultura familiar como lócus de valorização do trabalho das mulheres, associamos a este aspecto o pensamento a outro tipo de desenvolvimento. Um novo jeito de ser desenvolvido deve ser pensado quando averiguamos o tipo de sociedade que temos em contraste ao tipo de contexto que queremos alcançar. Há possibilidades de ser alcançado um modo de desenvolvimento, em contraponto ao modelo hegemônico, que tem um forte enfoque economicista, excludente, patriarcal e machista. Desta forma, almeja-se um enfoque de desenvolvimento local e sustentável.

Em De Jesus (2003) encontra-se que desenvolvimento local é outra forma de vislumbramos que para este modo de desenvolvimento. Para o autor, faz-se necessário um conjunto localizado de parcerias, concertação, com a participação de lideranças, instituições, governo e habitantes de um determinado lugar, cujo objetivo é encontrar de forma articulada soluções para melhoria das condições de vida dessa população,

priorizando a utilização de potencialidades e recursos locais. É a valorização das potencialidades locais, neste caso específico pensamos no trabalho das agricultoras familiares que habitam no meio rural do Município de Ingazeira, cidade próximo a Afogados da Ingazeira, em Pernambuco.

Na construção de um referencial teórico para análise deste objeto de estudo a direção da escolha teórica tratou de relacionar o trabalho das cisterneiras assistidas por programas de extensão rural no Sertão do Pajeú. Foi feito inicialmente um resgate de um passado recente do desmonte da extensão rural e evidenciamos que nos anos de 1960 a 1980, para o crescimento e modernização no meio rural brasileiro, prevalecia o pensamento de que o desenvolvimento aconteceria quando se introduzissem, entre os agricultores, as novas ideias de maior eficiência produtiva e de produtividade de forma que as inovações fossem difundidas e os agricultores efetivamente adotassem (LIMA e ROUX, 2008).

Ressalta-se que no apoio ao desenvolvimento da agricultura familiar está a nova concepção e reconstrução da Extensão Rural no Brasil que, a partir dos anos da década de 1990, começa a deixar evidente a inadequação do modelo de extensão rural que atendia aos agricultores familiares, porque esta forma de extensão rural seguia uma linha de modelo de desenvolvimento difusionista, numa inspiração ao modelo americano. Somente de fato a partir das ideias pregoadas pela Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PNATER (BRASIL, 2004), as tecnologias sociais associadas ao apoio da extensão rural começam a ser adotadas e, com elas, as contribuições para o desenvolvimento local e para práticas coletivas e mais sustentáveis como sendo importantes para a transformação da realidade da agricultura familiar. Também nesta política pública foi evidenciada a valorização do trabalho das mulheres no contexto da agricultura familiar.

Para o fortalecimento da agricultura familiar é imprescindível um apoio especializado e evidencia-se a importância da extensão rural e, neste aspecto, Caporal (2015) indica que:

O serviço de Extensão Rural como processo educativo, informativo, comunicacional e de apoio a formação dos agricultores, se constitui, sem qualquer dúvida, em um importante Bem Público (CAPORAL, 2015, p.41).

No âmbito das metodologias trabalhadas pela extensão rural estão as tecnologias

sociais e, neste aspecto, estão aquelas associadas ao estoque de água. Neste caso, o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) e o Programa Uma Terra Duas Águas (P1+2), programas que trabalham com tecnologias sociais para a captação e armazenamento de água para produção de alimentos e consumo humano. A principal tecnologia é a cisterna. No entanto, há um caminho entre a política conquistada e a garantia dessas políticas e a participação das famílias como protagonistas de suas histórias, contribuindo no processo de construção da cisterna.

O interesse por este tema surgiu a partir das várias pesquisas realizadas sobre extensão rural e desenvolvimento local no âmbito do Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX – UFRPE. Nas atividades pedagógicas do Posmex ocorrem algumas viagens pedagógicas anuais pelo Sertão do Pajeú. Neste caso, houve a visita ao local da pesquisa, a área rural de Afogados da Ingazeira e adjacências. Este trabalho teve início nas observações diretas e histórias de vida fruto da convivência com as produtoras desta área territorial e da experiência relacionada ao trabalho das pesquisadoras com a ação de extensão rural com mulheres da ONG denominada Casa da Mulher do Nordeste. As observações que deram origem e andamento a esta pesquisa aconteceram inicialmente no mês de junho de 2015 e, para efeito deste artigo, finalizaram em junho de 2017. Desta forma, foi observado ao longo do tempo a adoção de práticas sustentáveis de apoio à agricultura familiar como a Mandala, práticas de produção orgânica, biodigestores, cisternas, banheiros redondos, entre outros e de que forma esses saberes e práticas circulam entre as agricultoras do lugar. Constatou-se nesta questão a metodologia da extensão rural que valoriza a troca de saberes na adoção da técnica do agricultor difusor e portador de um saber contextualizado conforme refere Paulo Freire (1977).

Outra base teórica vem de Callou (1999), que sinaliza a importância do modelo participativo, que veio a provocar reflexões sobre as práticas até então realizadas. Considera-se uma das obras mais referidas, para quem estuda o processo histórico e teórico da extensão rural no Brasil, Extensão ou Comunicação?. Justamente porque esta obra aproxima também educação, educação popular, comunicação e mundo rural. Ainda é considerado oportuno lembrar Freire, quando diz que a atividade de Extensão Rural é evidenciada como uma atividade de educação não formal, contextualizada e

dialética:

A assistência técnica, na qual se pratica a capacitação, para ser verdadeira, só pode realizar-se na práxis, na ação e na reflexão. Na compreensão crítica das implicações da própria técnica. A capacitação técnica, que não é adestramento animal, jamais pode ser dissociada das condições existenciais dos camponeses, de sua visão cultural, de suas crenças. Deve partir do nível em que eles se encontram, e não daquele que o agrônomo julgue que ele deveria estar. (FREIRE, 1977, p.85).

A partir de vivências em áreas rurais, em Pernambuco, se tem observado que os programas de assistência técnica e extensão rural são importantes para o desenvolvimento da agricultura familiar. Reitera-se que o trabalho de apoio da extensão rural com públicos específicos tem sido uma reivindicação dos vários movimentos sociais do campo. Especialmente, neste trabalho se evidencia a importância do trabalho com as mulheres agricultoras. Nas metodologias adotadas pela extensão rural com as mulheres há uma dinâmica na cultura e de socialização que legitima as suas práticas agrícolas e coletivas. Esta dinâmica inclui também a adoção de várias maneiras de agilizar os processos produtivos, tecnologias sociais, em direção a formas mais sustentáveis de vida e consumo. Também de oportunidade das mulheres desenvolverem seus potenciais, às vezes nunca antes imaginados como é o caso das mulheres se constituírem cisterneiras. E, neste sentido, considera-se cada família como unidade produtiva que também se moderniza.

Ao analisar a constituição das formas produtivas da agricultura familiar pode-se entender, conforme indica Polanyi (2000, p.63), que a divisão do trabalho, um fenômeno tão antigo como a sociedade, origina-se de diferenças inerentes a fatos como sexo, geografia e capacidade individual. A alegada propensão da pessoa tanto para a barganha, permuta e a troca é quase que inteiramente apócrifa, logo a economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais. Ele valoriza os bens materiais na medida em que eles servem aos seus propósitos.

Essas constatações indicam que, conforme De Jesus (2014, p.206) menciona, as características do campesinato e da agricultura familiar, mesmo na contemporaneidade, quando percebe que a economia do homem não age de forma apenas para salvaguardar sua situação social, e sim valorizar os bens materiais na

medida em que eles servem a seus propósitos, como no caso das cisternas no Sertão do Pajeú.

As cisternas são reservatórios cilíndricos, construídos próximo à casa do(a) agricultor(a), que armazenam a água da chuva que cai no telhado e é captada por uma estrutura construída com calhas de zinco e canos de PVC. Constatou-se na cartilha da ASA (Articulação Semiárido Brasileiro) a funcionalidade da cisterna quando ela aborda que a água da cisterna é utilizada para beber e cozinhar.

Pensar no trabalho de homens e mulheres como forma de permanência e convívio com o semiárido evoca o que diz Nobre (2003, p.211):

Se nossa proposta é radicalizar a democracia, estabelecer novas formas de distribuição da riqueza e firmar as bases de uma economia e sociedades solidárias, nos cabe considerar as mulheres como sujeitos desses processos e aprofundar o diálogo com o pensamento e o movimento feminista (NOBRE,2003,p.211).

Considera-se que o resultado desta pesquisa poderá subsidiar as discussões sobre a necessidade de apoio à produção das agricultoras familiares que, em muitos casos, estão sem acesso às políticas públicas, crédito ou assistência técnica especializada, também como elementos para se pensar o fortalecimento das ações de políticas públicas para o setor, principalmente aquelas relacionadas à extensão rural.

Métodos e técnicas

O presente trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla e em andamento, sendo desenvolvida no âmbito das pesquisas sobre agricultura familiar e Extensão Rural. Na pesquisa foram utilizadas as técnicas etnográficas de observação e entrevista com roteiro semiestruturado. Essas entrevistas foram realizadas com mulheres agricultoras familiares, com 3 (três) mulheres, sendo assim, optou-se, como critério para a seleção da amostra, por três tipos de situações a serem analisadas: uma mulher cisterneira, uma beneficiada com a cisterna e, finalmente, uma cisterneira que construiu sua própria cisterna. De certa forma, na direção do que narra Chauí (2007,p.19), é uma procura de dar a palavra a vozes que foram silenciadas.

A opção por esta pesquisa atende ao interesse em abrir uma escuta direta às falas e aos modos de vida de mulheres da região do Sertão do Pajeú. Obter informações por várias fontes é um recurso necessário à investigação com histórias de vida. Nos moldes que orienta Queiroz (1994, p.111), como as demais técnicas, também esta é insuficiente e deve ser completada com dados de outras fontes.

Resultados

Os resultados demonstram, pelos depoimentos dados pelas três (03) mulheres entrevistadas, que as cisterneiras ocupam vários espaços indicativos de resistência e capacidade de ocupação em atividades que são determinadas socialmente como típicas de serem realizadas exclusivamente por homens. Conforme o seguinte relato encontrado na Cartilha do Programa Um milhão de cisternas:

No início, tive que duelar com o mito da fraqueza feminina e o descrédito da comunidade. A cada trabalho realizado, ouvia dizer: “coisa de mulher não pode prestar”. Mas, quando coloquei a mão na massa, vi que esse trabalho é, sim, para mulher também. Vale salientar que, através desse trabalho, tive oportunidade de me tornar uma educadora social, ter uma profissão e viajar para outros municípios e estados do Brasil, me tornei uma multiplicadora e ciente de meus direitos na sociedade e na minha família. Portanto, ser cisterneira é ter liberdade. (Agricultora 02, cisterneira, Assentamento Barreira Vermelha, Mossoró/RN).

Vale salientar que o Programa um milhão de cisternas (P1MC) é um projeto criado pela sociedade civil com o objetivo de democratizar o elemento da água. A cisterna é a garantia de água para consumir e cozinhar durante a estiagem. Conforme o seguinte relato 2, de uma mulher que construiu e é beneficiada pela sua cisterna:

A cisterna é coisa boa, muito boa mesmo. Acho que essa nova forma de captar água traz a liberdade que a gente não tinha, o ser livre, ter poder de uma coisa que a gente não tinha que é a água, nossa horta bonita. (Agricultora 01, cisterneira da Comunidade Bom sucesso, Ingazeira/PE).

Observa-se como resultado da pesquisa a eficiência da alternativa das cisternas como proposta de convivência com o semiárido e se constitui em uma proposta de convivência com o semiárido e uma nova forma de olhar a realidade, estocando água, alimentos, sementes e conhecimentos para uma vida digna. Este relato 3 foi da primeira mulher a fazer o curso de cisterneira do Sertão do Pajeú, em 2004. O papel da mulher na sociedade analisado sob a perspectiva de gênero, na qual as relações entre

o masculino e o feminino são socialmente construídas, conforme Scott,

É o fruto de uma relação de tensão entre os gêneros, o que nos faz entender que todas as mudanças ocorridas no seu interior são consequências de um movimento de mão dupla e está associado a um contexto sociocultural mais amplo. (SCOTT,1995,p.98)

Como é possível observar no relato da agricultora 02:

Eu sofri violência física, era ameaçada de morte pelo meu ex-marido. Eu ia para as reuniões, para o curso de GRH (Gestão de Recursos Hídricos) e ele dizia que eu ia buscar homem. Fui a primeira mulher a construir cisterna aqui no Sertão do Pajeú. E já construí 22 cisternas aqui na região. Hoje sou outra mulher. Hoje sou feliz porque tenho minha água, minhas sementes, comida na mesa sempre, mesmo sem marido. (Agricultora 02, cisterneira do Bom Sucesso, Ingazeira/PE).

O relato abaixo traz uma agricultora beneficiada com a cisterna que também impressiona, ela revela a mudança na realidade da sua vida e aponta alguns desafios:

As mudanças não são rápidas, mas o caminho é esse plantar, produzir, colher e comer e esse caminho só é possível porque temos a cisterna. Aquilo que não conseguimos consumir, nós vendemos nas feiras, para clientes que ligam para nós. Temos alguns desafios aqui, o primeiro deles é a dificuldade de multiplicar as ações do P1MC (Programa um milhão de cisternas). Mais do que levantar as placas de concreto, me organização e a segunda é que as mulheres daqui são muito preguiçosas. (Agricultora 03, beneficiada com três tipos de cisternas, Triunfo/PE).

Desta forma, foi possível coletar esses dados constatando a força e o empoderamento das mulheres, na resistência e agentes de seu protagonismo, o que reflete no desenvolvimento local. Finalmente, é possível compartilhar um olhar de esperança e de melhoria de qualidade de vida no relato abaixo:

A cisterna mudou minha vida para melhor. Antes era muito difícil, tinha que carregar água de muito longe e a água não era boa. Tinha momentos de ter comida, mas não ter a água para fazer a comida. Hoje, graças a Deus, minha cisterna está cheia. (agricultora 02, cisterneira do Bom sucesso, Ingazeira/PE).

As atividades direcionadas para o fortalecimento da agricultura familiar e da extensão rural tem como finalidade ampliar os direitos da população do campo e construir o desenvolvimento local e sustentável para suas vidas. E a construção das cisternas é

um exemplo possível da real convivência com o semiárido do sertão do Pajeú, no Nordeste do Brasil.

Discussão

Nas discussões estão os fatos relativos à pauperização das pessoas que vivem e produzem no campo brasileiro e isto se revela como preocupante em regiões sinalizadas como territórios de exclusão. Um dos grupos emblemáticos relacionados à pauperização é o das as mulheres.

No entanto, em lugares assim indicados, quando assistidas por apoios oriundos de programas sociais que promovem a inclusão social, o quadro de pauperização é substituído por um quadro de trabalho e inclusão social. Neste aspecto os projetos de convivência com o semiárido, contando com a assessoria e o apoio técnico da extensão rural para mulheres, realizado por uma ONG denominada Casa da Mulher do Nordeste, traz esperança de superação como enfoque de resistência.

No enfoque da extensão rural há sinalização da inclusão de homens e mulheres na perspectiva da justiça de gênero e na construção destes equipamentos que se constituem em tecnologias sociais. Os projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural trazem, em sua execução com metodologias participativas, processos de acompanhamento típico dos processos de incubação, diálogo de saberes e orientação para práticas sustentáveis, fundamentais para o desenvolvimento da agricultura familiar.

No caso, constatou-se que as mulheres também exercem atividades que historicamente eram associadas às atividades exclusivas para homens e revelam-se como uma alternativa de atividade também para mulheres. Esse movimento de aquisição de conhecimento e uso de práticas sociais sustentáveis revela-se como um elemento instigante e inspirador para análise.

Considerações

Foi constatado neste trabalho que a participação das mulheres na construção de uma

tecnologia social denominada cisternas, e como construtoras elas são como cisterneiras, sendo possível verificar o trabalho e o engajamento das mulheres em programas de convivência com semiárido. Foi possível observar, ainda, que a aquisição do conhecimento sobre o passo a passo desta atividade foi possível devido à referência delas de que são acostumadas com atividades diversas e são frutos do trabalho de apoio promovido por assessoria a essas mulheres, por uma ação de assistência técnica e extensão rural.

A partir do resultado que esta se constitui ocupação que pode ser recomendada para ser realizada por mulheres e essa foi uma forma de superação para sobrevivência e qualidade de vida com a promoção da autonomia e o empoderamento dessas mulheres. Verifica-se, portanto, ser esta atividade uma possibilidade de renda para algumas mulheres sertanejas e que promovem o seu protagonismo. Isto foi possível devido ao apoio dado por uma ação de política pública através da extensão rural para mulheres.

O resultado indica uma atividade exercida no contexto da superação e resistência das mulheres, o que as constitui em agentes de desenvolvimento local. A pesquisa traz como resultados elementos que indicam temas como divisão sexual do trabalho, participação das mulheres nas mais diversas profissões e a relevância da assistência técnica e extensão rural para uma melhor qualidade de vida no convívio com a diversidade do semiárido.

Referências

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>>. acesso em: 10 jun 2016.

_____. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural de 2004. **Ministério do Desenvolvimento Agrário**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2004.

CALLOU, A. B. F. (org.). **Comunicação rural e o novo espaço agrário**. São Paulo, Intercom. (Coleção GT Intercom, nº 8), 1999.

CAPORAL, F. R. Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa. In: CAPORAL, Francisco Roberto (coord.). **Extensão rural e agroecologia: para um novo desenvolvimento rural, necessário e possível**. Camaragibe, PE: Ed. do Coordenador, 2015.

CHAUI, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. 7.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,2007.

CISNE, M. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**.2.ed. São Paulo: Outras expressões,2015.

DE JESUS,P. Desenvolvimento local. In: CATTANI,A.D.(org.) **A outra economia**. Porto Alegre: Vaz Editores,2003.

DE JESUS,Paulo.; LEMOS,H. Desenvolvimento industrial e conflitos de terra: desafios do desenvolvimento local frente à questão fundiária entre a comunidade de Massangana e o Complexo Industrial de Suape –PE. Geotextos,v.11,n.2,dezembro,2015.

DE MASI,D. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante,2003.

EVANGELISTA,J. Saneamento básico. Uma questão de Direitos Humanos In: **Semiárido brasileiro: um capítulo à parte**. Série Compartilhando Experiências.n.06.Abril,2012.

FREIRE,P. **Extensão ou Comunicação?** 13. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1977.

JALIL, L.M. **As Flores e os Frutos da Luta: o significado da organização e da participação política para as trabalhadoras rurais**. Tese, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2013.

LIMA, I.S.; ROUX, B. **As estratégias de comunicação nas políticas públicas de assistência técnica e extensão rural para a agricultura familiar no Brasil**. In: CIMADEVILLA, Gustavo. Comunicacion, Tecnologia y desarrollo. Argentina: Editora da Universidad Nacional de Rio Cuardo. 2008.

MÉSZÁROS,I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo,2002.

NOBRE, M. Mulheres na Economia Solidária. In: CATTANI,A.D.(org.) **A outra economia**. Porto Alegre: Vaz Editores,2003.

QUEIROZ,M.I.P. de. Historia, história oral e arquivos na visão de uma socióloga. In:MORAES,M. **História oral**. Rio de Janeiro: Diadorim;FINEP,1994

SANTOS, M. O retorno do Território. In **Território: globalização e Fragmentação**. 4^a

ed, São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.

SCOTT, J.W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., 1995.

VEIGA, José Eli da. **A Face Rural do Desenvolvimento**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.

WANDERLEY, M.N.B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas**. – O "rural" como espaço singular e ator coletivo. revista Estudos, sociedade e agricultura, 15, outubro 2000. Rio de Janeiro: UFRJ.